

VISCONDE DE SAPUCAHY.

Lith. de J. Alves Leite



REVISTA

DO

PARTHENON LITTERARIO

QUINTO ANNO

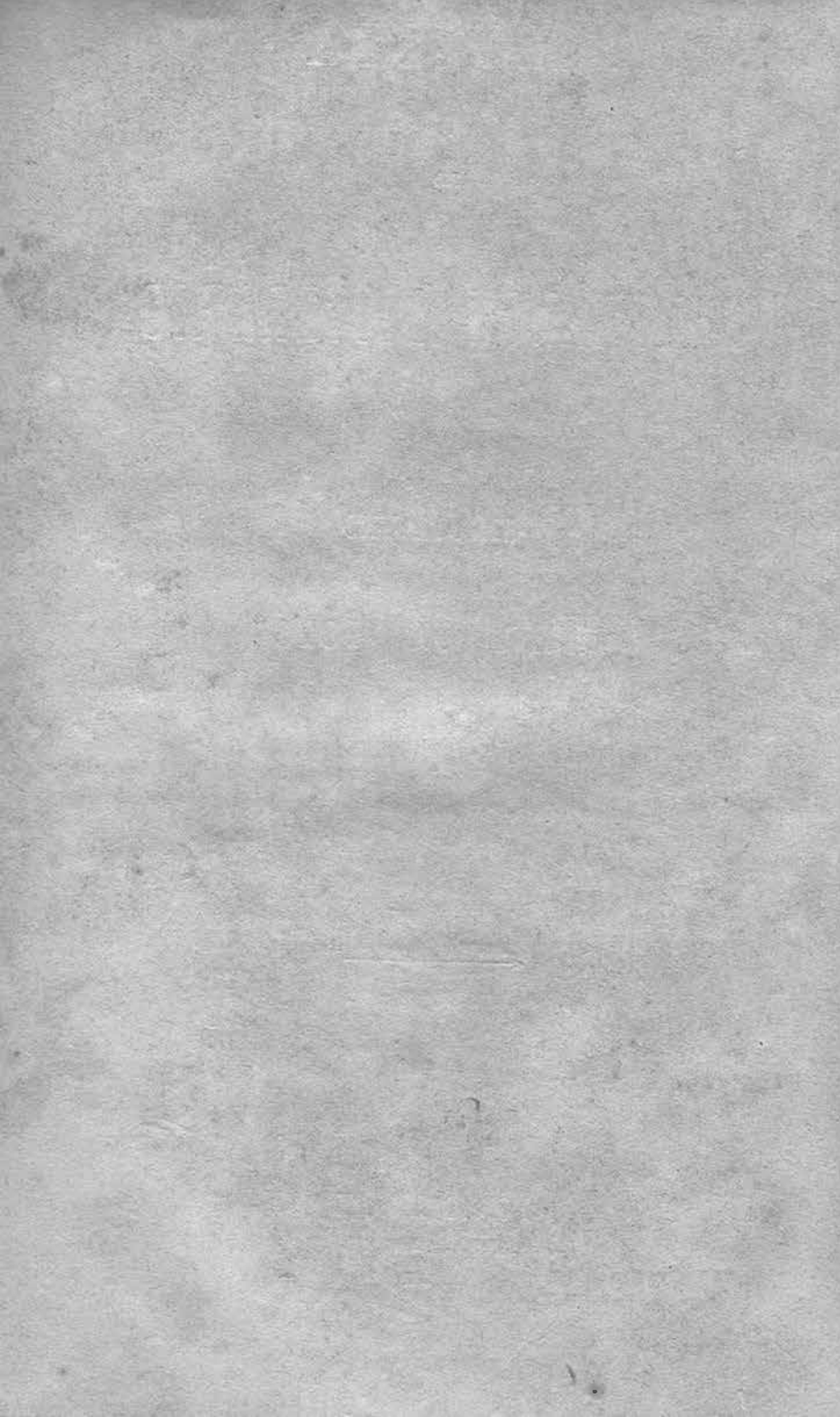
MAIO DE 1876

V

PORTO LEGRE

IMPRESA LITTERARIA

1876



EM NOME DE DEUS

DRAMA EM 4 ACTOS

POR

FRANCO BUENO

O. D. C.

A

MEUS PAIS,

MANOEL DA SILVA BUENO

E

O. GENEROSA AMERICA BRASILEIRA BUENO.

DENOMINAÇÃO DOS ACTOS

1.º	Juramento e desobediencia.	3.º	Parricidio.
2.º	Rapto.	4.º	Rehabilitação e expiação.

PERSONAGENS:

Carlos da Cunha	22	annos.
Lucio da Cunha	60	»
Celina	18	»
Fr. Constancio.		
Fr. Luiz.		
Alfredo de Almeida.		
Luiz de Medeiros.		
Faustino.		
Dr. Azeredo.		
Tabellião.		
Criado.		
3 embuçados.		

ACTUALIDADE.

A' QUEM LER

MOCIDADE RIO-GRANDENSE.

O mais humilde soldado da liberdade, vem pedir um lugar nas fileiras dessa mocidade que, movida por uma idéa grandiosa, — se atira á conquista do porvir.

E' uma pequena pedra com que concorro para o sublime edificio !
Aceitai, concidadãos, o myrrado fructo de minha intelligencia.

Esbocci um quadro que a phantasia creou; mas reconheci depois, que havia desenhado um quadro da vida real!

Completamente neutro na grande luta arrefecida, é, certo, mas não extincta, entre a maçoneria e os jesuitas; pois não pertencço áquella, e não desconheço os serviços reaes, grandiosos mesmo, praticados por alguns destes : eu sou a esperar que acreditem-me imparcial, e pois, que não condemnem este modesto trabalho como filho de um espirito prevenido.

Em 5 dias, de 31 de Maio a 4 de Junho, escrevi este drama. Não vai nisto uma desculpa para os erros, capitaes talvez, que deve conter : em mezes eu teria conseguido o mesmo que alcancei naquelle tempo.

Reconheço e confesso, que me falta o essencial para a litteratura dramatica : o estudo da sociedade e das cousas. Vivo n'um circulo muito restricto: entre espingardas e cornetas, e a leitura mais frequente para mim é a do detalhe do serviço diario.

Assim, apresento sem pretensões este drama.

Acceitai-o, é uma offerenda sincera, sincera porque nada almejo em recompensa, nada absolutamente — a não ser a vossa generosidade para com elle.

Pobre peregrino que te vais perder nas tenebras do esquecimento—
adeus.

Itaquy—1876.

FRANCO BUENO.

ACTO I

JURAMENTO E DESOBEDIÊNCIA.

(O scenario representa a sala d'um convento.)

SCENA I.

(CARLOS assentado junto a uma mesa tendo um livro na mão.)

Pouco tempo me falta para tomar ordens... e, no entanto occasiões ha em que me fallece a coragem, vacilla a fé, e quasi recuo perante o sacrificio.... trazer o corpo envolto, na estamenha do frade ! e sentir o coração que palpita cheio de seiva de mocidade — elevar-se as doirdas regiões da phantasia !.. Oh ! não quero trocas os prazeros da vida mundana pela felicidade tão decantada do claustro !... Eu quebrarei os laços que me prendem a estes homens e atirarei para longe estes livros..... (*Vai atirar sobre a meza um livro, mas, como horrorisado detem-se, e levando-o aos labios, com contricção, continua*) perdão, meu Deos.... dai-me um raio de vossa graça.... ajudai-me a trilhar a estrada que conduz á gloria eterna...eu quero ser do numero d'aquelles que tudo sacrificio na terra, mas rocebem o justo galardão na eternidade. (*Cabe de joelhos*)

SCENA II.

O MESMO E FR. CONSTANCIO.

FR. CONST. — (*ap.*) Este já nos pertence. (*alto*) um Deos de bondade — derrame sobre vós meu filho, os seus divinos raios de luz...e affaste as tentações que surgem no peregrinar da vida.

CARLOS (*levantando-se vai beijar-lhe a mão*).

Obrigado, mestre. O peccador arrependido preci. a ouvir as suaves consolações que descem de Deos, na palavra ungida de fé dos seus ministros. . e, ninguem mais digno que vós de tão elevada missão.... vós, que cis um santo.. cuja palavra eloquente nos arrebatava a alma ao throno do Allissimo — lançai-me a vossa benção. (*ajoelhando.*)

FR. CONST. (*collocando-lhe a mão sobre a cabeça*)

Servidor obdiente de Deos... tu serás um dos ornamentos, um dos sustentadores, mais gloriosos do altar... Eu te abençoó em nome de Deos.

CARLOS (*levantandose.*)

Meu padre: ha momentos em que me sinto tão repleto de graça... que desejo logo abandonar os poucos liames que me prendem á sociedade que lá fóra se agita... em que desejo cobrir os meus hombros com as santas vestes que trazeis... outras, porém, meo padre, em que vejo n'ellas uma mortalha horrivel... em que me parece que o seu peso é suffocador... em que me parece um crime enorme — o alistar-me entre vós.

FR. CONST. (*Fringindo horror.*)

Meu Deus!... tende piedade do misero que não tem força para repellir as tentações de Satanaz.

CARLOS.

Sim, sim: é Satanaz que me persegue, que desprende dos seus tabios de fogo gargalhadas de escarneo! é elle que me persegue sem cessar! (*Allucinado, toma o padre por uma sombra*) Fugi!... fugi, Satan. (*Recúa e o padre quer contel-o*) Deixai-me enviado do inferno! fechai os vossos olhos que vejo saltarem delles chispas vermelha do fogo eterno... eu não quero ser socio dos vossos poderes... ide para o vosso imperio das trevas. (*Torna a si á voz de Fr. Const.*)

FR. CONST.

Allucinaí-vos, meu filho; e não vedes que eu aqui estou como ministro do Rei dos Reis... (*tomando-lhe a mão*) que vos fallo em nome de sua infinita bondade... que vos offereço-a quietação na terra e a felicidade no céu!

CARLOS.

Oh! meu padre. E tive agora um sonho horrivel... um pesadelo mortal... eu temo que a minha razão succumba a embates tão fortes... eu tenho medo de enloquecer!

FR. CONST. (*ap*)

E' preciso abreviar este negocio. (*alto*) Deos dar-te-ha a razão, esclarecerá a tua intelligencia, far-te-ha forte para o seu serviço.

CARLOS.

E' essa a minha aspiração : eu só de sejo viver para o serviço da religião.

FR. CONST.

E do papa.

CARLOS.

Da religião e do papa.

FR. CONST. (*ap*.)

Trabalhemos. (*Alto*) Meu filho, despressa d'uma vez toda a idéa da vida que se passa lá fóra, onde os sentimentos os mais nobres são escarnecidos, e o vicio e o crime tem os seus adoradores e os seus altares... onde a mulher, esquecendo-se de Maria, torna-se em perigoso instrumento contra a religião de Roma... onde o homem esquece o nosso divino mestre que morreuna cruz para redimir a humanidade.

Tambem naquelle tempo a palavra ungida de fé... tambem o verbo eloquente do propheta, se creava fervorosos adeptos, levantava contra si a indignação da maioria do povo da Judéa, ... cuspirão-lhe nas faces... lançarão-lhe na frente a corôa de espinhos... açoutarão-n'o e o erguerão ao alto n'uma cruz, entre dois ladrões !

CARLOS.

E o Christo, que vinha solver o problema atirado ao mundo por Moysés e analisado por Job, — encontrou iniqua condemnação nesse povo que errava immerso nas trevas...

FR. CONST.

E, no entanto elle soffreu com verdadeira fé as torturas tremendas, porque havia desfraldado o pendão da verdade no meio dos homens embrutecidos nos vicios e fanatisados por uma falsa religião !... Busquemos o exemplo do grande mestre, e nos unamos para resistir á torrente impetuosa dos demolidores da nossa santa religião ! Elles fazem sessões mysteriosas... têm tambem o seu templo de Salomão !...

Prégão as suas doutrinas perniciosas... e desviam os incautos da senda da verdade... tira-os do caminho que os levaria aos céos e precipita-os no abysmo, cujo fundo são as brasas vermelhas... atira-os ao inferno!

CARLOS

Mestre é aquelles não dispõe da necessaria illustração para poderem apreciar a santidade de ta religião que calumnião, e tacteão, deslumbrados aule o magnetismo do dogma.

FR. CONST.

Não, meu filho, não lhes falta illustração, é que um genio máo se apoderou de alguns homens, fez delles doces instrumentos... atirou no meio das sociedades o germen da desconfiança... perturbou a ordem natural das cousas! Fizerão das palavras de S. Thomé « ver para crer » um escudo contra a verdadeira fé!. e vós sabeis, meu filho, que a fragil humanidade acceta facilmente o mal em toda sua plenitude e regeita, quando de uma ordem mais elevada, a idéa do bem. Ella crê nos gozos materiaes porque os vê e sente-os; regeita os prazeres da eternidade — porque os guarda o manto da eternidade! Não podem romper o impossivel, o mysterio sublime... e riem-se de incredulidade. (*Com hypoc.*) Deos, perdoai-os, elles não sabem o que fazem!

CARLOS

Sim, mestre, elles não sabem o que fazem.

FR. CONST.

(*Ap*) E' chegado o momento. (*Alto*) Como te eu dizia, meu filho, é tempo de abandonares essas vestes mundanas... as tuas riquezas só servirão para perder-te mais depressa... não as deixeis, porém, lá fóra, em mãos dos nossos inimigos jurados... é preciso que as resgateis e as depositeis nos cofres da communitate: servirão para o serviço do altar... para erigir mais uma ara ao supremo dos mundos!... Se ellas, lá fóra, tem de ser dissipadas em torpes galas — em carruagens, sedas e brilhantes; empregais antes com mais proveito — em adornar a nossa capella... ou nesse incenso suave que sobe á Divindade, nas auras vivificantes da crença!

CARLOS

Sim, mestre, hoje mesmo farei cessão dos meus bens á santa communitate a que me abraço d'ora em diante abandonando para todo o sempre os prazeres do mundo.

FR. CONST.

(*Ap*) Mais uma victoria que consigo. (*Alto*) E esse espirito elevado que tudo determina, farei com que goseis os supremos prazeres, junto ao seu throno de graça.

Recebei, meu filho, a benção que desce de Deos. (*Carlos recebe a benção ajoelhando-se.*)

CARLOS (*levantando-se*)

Obrigado, mestre, é um dever que cumpro com toda a satisfação, desprendendo-me dos laços mundanos, e preparando a alma para entrar no reino da gloria.

FR. CONST.

Provas com isso a fertilidade do terreno em que semeei... e prova mais a efficacia da bondade infinita que illuminou o vosso espirito !.. eu me congratulo com esta nova victoria da fé !

CARLOS

Mestre, permitti que eu vá tomar algumas medidas que preciso e dizer adeus ao mundo, escrevendo algumas palavras de despedida ao meu pai.

FR. CONST.

Ide, na graça de Deos. (*Carlos sai*)

SCENA III

FR. CONSTANCIO. (*só*)

Mais uma razão que vacilla, mais um coração que trucidado, mais uma alma que arrebatado, mais uma intelligencia superior que varro do mundo, em nome de Deus... e uma immensa fortuna que lanço no cofre da confraria ! E se julgão fortes os inimigos que nos combatem, quando não sabem preparar os seus instrumentos !... Este descendente de uma altiva raça, eil-o humilhado e tímido acompanhando os meus pensamentos !... quão bello não será vêr seu pai receber a noticia que o filho que confiou á nossa educação quer pertencer á ordem, e que os thesouros que accumulou, passarão para os nossos cofres ! E' assim que desejamos vêr a sociedade, os filhos em opposição aos pais... as mulheres aos maridos !... e o seu ouro para nós.

SCENA IV

O MESMO E FR. LUIZ

FR. LUIZ. — Graças, que encontro Fr. Constancio.

FR. CONST.

Trabalhava em converter completamente esse Carlos da Cunha que, a todos os momentos, tem impetos de atirar para um canto os livros... é preciso muita vigilância e cuidado para que nos não escape essa immensa riqueza e essa intelligencia que, fanatisada pelas nossas lições, será um perigoso e decidido auxiliar contra as tendencias da época... «Liberdade de crenças», é o brado dos nossos adversarios, e, para combatel-os precisamos de ter o povo fanatisado e ha mister de muito ouro!

FR. LUIZ

Em tudo mostraes o vosso zelo pela religião... a vossa esclarecida illustração; sois um fervoroso campeão dos nossos direitos... eu vos admiro, Sr. Fr. Constancio. (*Faz uma reverencia*)

FR. CONST.

(*Ap.*) Eu conheço-te as manhas. (*Alto*) Obrigado, Fr. Luiz, um misero peccador como eu, não é digno de vossa admiração.

FR. LUIZ

Desculpai-me o ter offendido a vossa modestia. Permitta-me agora, Sr. Frei Constancio, que eu lhe peça as ordens que vos dignardes dar-me, com referencia a entrada de Carlos para a nossa ordem. E' preciso, para o bom desempenho da minha commissão, que me ponha ao corrente do papel que devo desempenhar... os obstaculos que tenho a vencer; em uma palavra, qual é o papel que marcais para mim neste negocio?

FR. CONST.

Bem, fêchai essas portas, e vinde assentar-vos aqui junto de mim. (*Sentão-se*).

FR. LUIZ (*Depois de fechar as portas imita-o*)

Podeis fallar, Sr. Fr. Constancio.

FR. CONST.

Carlos tem, como sabeis, o seu pai e uma irmã... torna-se preciso que ambos desapareçam da superfície da terra para que as suas riquezas revertão ao poder daquelle, pois que assim ficarão em nossas mãos.

FR. LEIZ

Mas é preciso matar também uma mulher e isto é penoso, Sr. Fr. Constancio.

FR. CONST.

Quem vos fallou em matar? O pai de Carlos, esse Lucio da Cunha, é por demais altivo e não transige com a honra .. fazei com que a sua filha dê um passo errado no caminho da vida e elle a deherdará; quanto á Lucio, um pouco de arsenico cahindo por acaso n'uma chicara de chá...

FR. LEIZ

Nos livrará de muito trabalho...

FR. CONST.

E todos dirão que elle morreu de vergonha pela deshonra da filha!

FR. LEIZ

Bem pensado, Sr. Fr. Constancio, sois um grande homem... sois um genio que protege os nossos interesses... Se pudessemos dispor de uma duzia nas vossas circumstancias — era certa a victoria!

FR. CONST.

Agora que sabeis o que é preciso fazer, dizei-me se podemos contar com o vosso concurso. Podemos?

FR. LEIZ

Essa pergunta, Fr. Constancio, magoa-me bastante: eu sou um fiel cumpridor das ordens que recebo. E' verdade que tenho receio de não poder condignamente desempenhar tão elevada missão, principalmente em sua primeira parte, que é um genio inteiramente novo para mim.

FR. CONST.

Sois muito modesto, Sr. Fr. Luiz? dizem, que ao vosso confissionario concorrem, de preferencia, os mais galantes rostinhos; e o écho das vossas victorias retumba na solidão em que vivo.

FR. LUIZ

Nã vossa solidão, Sr. director do convento das freiras do Carmo? O Sr. Fr. Constancio, vive entre esses anjinhos do Senhor, e, pois, não vive em solidão. Lança-se a essa solidão porque é um verdadeiro santo, e tanto que as freiras não querem que o Sr. Fr. Constancio seja exonerado dessa commissão.

FR. CONST.

Devo-lhes a sua confiança. Agora ide dar começo ao vosso trabalho, que eu vou recolher-me um pouco á minha sella.

FR. LUIZ

Espero tornar me digno da vossa amizade. Até logo, Sr. Fr. Constancio.

FR. CONST.

O Senhor seja com vosco, e vos fortaleça para a cruzada que ides emprehender. (*Fr. Luiz sai*)

SCENA V

FR. CONST. (*só*)

Preciso fallar a Carlos; é necessario não lhe dar tempo de pensar no passo que vai dar; e é conveniente tambem que elle não falle ao pai, enquanto eu não tiver o seu juramento. (*Vai á porta e vê que Carlos se aproxima*) Elle para cá se encaminha, mas vem pallido e pensativo... é conveniente saber em que peusa elle... (*Esconde se*)

SCENA VI

O MESMO E CARLOS

Já estou quasi separado do mundo... e o que é o mundo? Um lodaçal tremendo onde se precipitão as existencias como um corpo qualquer abandonado no espaço... pélagò revoltó pelas tempestades das

paixões... cahos medonho, onde se perde a alma, a crença e a consciencia... (*Depois de meditar*) Mas, eu tenho ali uma irmã e um pai!.. E eu não julgo os seus corações pervertidos! não, o mundo não é tão máo como me querem fazer acreditar. (*Vai á uma janella*) É a primeira vez que reparo em tão encantador espectáculo: lá ao longe; aquella immensa bacia do oceano doirado aos raios do sol... os pincairos alterosos das montanhas... aquelles bellos palacios... brazões de fidalguia... aquellas carruagens que se cruzão nas alamedas do parque... aquellas moças, ... aquella que salta d'um coche... oh!.. talvez seja a minha irmã... a minha querida Celina!... Oh!... eu quero gosar a liberdade que se de-fructa lá fóra... eu não quero a grosseira estamenha... eu quero os meus brazões de fidalguia... eu sinto neste instante percorrer-me as arterias o sangue da minha altiva raça!... (*Truquendo com orgulho a fronte*) Lá cruza, cortando a distancia, uma locomotiva, cujo silvo agudo chega aos meus ouvidos... tanto progresso... tanta vida .. tanta luz...

FR. CONST. (*que ja deve estar por detraz e junto a Carlos*).

Tambem Satanaz, do alto da montanha apresentou ao Christo para tental-o, as maravilhas do mundo, as galas, as riquezas, os brazões!... Foge, meu filho, ás tentações do demonio!..

CARLOS (*horrorisado, recuando da janella*)

Sim... parece-me agora uma caldeira ardente, o que ha pouco eu via como um immenso espelho... aquelles altos pincairos são rochas... e, contra as rochas quebra-se o baixel da existencia!.. aquellas carruagens — não são mais que carros funerarios couduzindo cadaveres n'um passeio de duendes!.. (*Allucinado*) Affastae-vos, sombra dos meus avós... eu nada tenho com vosco!.. Quereis quebrar cadeias?.. e chamaes cadeias aos laços suaves que me prendem á Divindade?.. impios, não blasphemeis!.. oh!.. fugis?.. fugis em debandada?.. reconheceste finalmente a verdade?.. (*Pequena pausa, durante a qual Fr. Constancio contempla-o satisfeito; tornando pouco a pouco em si, e segurando as mãos de Fr. Constancio*) Tendes razão, mestre, é Satanáz que me persgue. (*Pondo as mãos*) Deos, dai-me forças para resistir á tentação!..

FR. CONST.

A senda que vaes trilhar, mancebo, é bastante ardua, bastante escabrosa: para que se possa vencel-a, sem fraquear-se em meio da jornada, é mister muita resignação ou muita fé... e, pois, não podemos depositar em vós a nossa inteira confiança enquanto não liverdes dado

provas de constancia ; bem sabeis que essa duvida, essa incertesa, essa falta de confiança na propria força — são uma muito má recommendação... É preciso que mostreis mais animo, mais decisão : escolhei, finalmente, — ou o mundo com as chammas do infernor ou a nossa santa solidão e mais tarde — a gloria eterna.

CARLOS

A minha resolução está tomada, padre ; eu quero, para sempre, filiar-me a santa communitade de que sois ornamento. Tenho tido, é certo, momentos em que vacillo... mas não é por falta de fé, — é por excesso de mocidade... é que penso que vou cobrir-me de crepe, quando podia trazer finas casemiras... que vou viver entre estas paredes desornadas, quando podia habitar n'um sumptuoso palacio...

FR. CONST.

Esses pensamentos que se vos surggerem, são uma prova mais da tua indicisão.

CARLOS

Mestre, não é a fé que vacilla; é sim a intelligencia que teme não poder corresponder ao sublime fim a que se vai dedicar. Não é dado ao viajor trepidar antes de atirar-se aos aridos desertos da Africa ?

FR. CONST.

Quando o viajor tem certeza que é necessario atravessar esses desertos, vencendo innumerados obstaculos... quando o dever encontra echo no seu espirito, elle deixa de trepidar e avança resolutamente.

CARLOS

Eu tambem se trepidei um momento, agora estou completamente decidido ; nada me demoverá do meu proposito.

FR. CONST.

E como podereis justificar a sinceridade das vossas palavras, quando tantas vezes tendes cahido em contradicção ?

CARLOS

A minha honra até hoje, mestre, não foi posta em duvida: e eu vol-o affirmo pela minha honra.

FR. CONST.

E sereis capaz de dar um juramento? Jurais, que abraçais fortalecido na fé, as leis severas que prendem os membros desta communi-
dade?

CARLOS

Juro!

FR. CONST.

(*Ap.*) Completamente nosso. (*Alto*) Creio agora na vossa sinceridade, meu filho. Eu te deixarei por alguns momentos em liberdade... tenho de ir á capella. Até já.

CARLOS

A vossa benção, mestre.

FR. CONST.

O Senhor — seja comvosco. (*Sae*)

SCENA VII

CARLOS (*só*)

E' o ultimo adeus que mando a meu pai e á minha irmã, desejolhes mil venturas na vida... na sociedade em que vivem. São elles bemquistos. (*Senta-se, lança mão da penna e escreve*) «Meu pai. Instintivamente eu temo esse mundo que se agita lá fóra, e quero viver para o serviço de Deos; peço, portanto, permissão de entrar para a ordem a que pertence o convento em que fui educado. Toda a minha esperança, toda a minha aspiração é a gloria eterna... eu deixo o mundo aos felizes, porque presinto muitas desgraças, se n'elle penetrar. Abraçai a nossa Celina, e abençoai, o filho obediente — Carlos.» — (*A' plateia*) Elles não necessitão de mim, e eu quero seguir os conselhos do santo varão que me tem esclarecido a intelligencia... que tem feito de mim um homem educado debaixo dos santos preceitos da religião que tem o seu throno em Roma, e por chefe infallivel o santo papa!

SCENA VIII

O MESMO E LUCIO DA CUNHA

LUCIO. — Carlos, meu amado filho!

CARLOS

Meu pai... meu querido pai. (*abração-se*)

LUCIO

Immensos affazeres me têm conservado por algum tempo ausente; já tinha saudade de ver-te : felizmente, tenho-te hoje em meus braços e creio que, para nunca mais separarmos-nos.

CARLOS

Quanta alegria eu sinto com a vossa inesperada volta ; pensei que vos demorasseis alguns mezes mais, ausente de mim. E, como está Celinha, meu pai ?

LUCIO

Tu mesmo a verás d'aqui a pouco, pois que irás comigo. Já sei que estás prompto nos teus estudos, e eu quero ter-te o quanto antes ao meu lado.

CARLOS

A' vosso lado, meu pai ?

LUCIO

Sim, ao meu lado. Admiras-te?

CARLOS

Não, é que... é que... sim... Eu desejava... eu tomei uma resolução.. (*Segura a carta, que dá ao pai*) eu vos tinha já escripto essa carta, ledê-a.

LUCIO (*lendo para si, horrorizado*)

Que?... tú, que eu queria illustrado para servir á patria contra os emissarios do mal, — transformado n'um homem de roupêta !.. O filho

de Lúcio da Cunha, de sacóla em punho e de sandalias aos pés — esmolando pelas ruas, enquanto o seu oiro engrossa os capitaes da ordem?!.. Eu não posso permittir semelhante cousa!

CARLOS

Perdão, meu pai: eu, alistado entre os servidores do altar estou ajudando a patria, contra os emissarios do mal!.. é o completo aniquilamento dos perturbadores da ordem religiosa, e, por consequencia, dos inimigos da sociedade civil.

LUCIO

O que querem, não digo os sacerdotes geralmente fallando, mas a curia vendida ao prelado romano, — é o completo spacellamento da patria... é a theocracia... a immobilidade .. é a perturbação da ordem social... é o fanatismo do povo,... quer vel-o manietado, exangue para sorver-lhe todo o ouro, e, o que é mais implantar o seu dominio despotico sobre as consciencias atemorizadas!

CARLOS

Vós seguramente não tendes estudado convenientemente os factos... e fazeis uma grande injustiça ao clero e ao prelado romano.

LUCIO

Não tenho estudado os factos?! Não recordais um exercito portuguez succumbindo com o seu rei, nas ribeiras da Sybia? Não vês a immensa fogueira que, jámais se apagará da misera Hespanha?

CARLOS

São injustas accusações da historia; eu não creio n'ellas.

LUCIO

Tambem mente a historia quando condemna Carlos 9º, o promotor da carnificina da noite de S. Bartholomeu, em que ás aguas do Sena misturou-se o sangue dos huguenotes?

CARLOS

Falla a verdade; mas morrerão os inimigos da verdade... era como uma nova cruzada contra o crescente mourisco!.. Pelejou-se ali — pelo triumpho da fé!..

LUCIO

Já vejo que procedi erroneamente quando entreguei a tua educação á Constancio de Sá... Eu queria que elle fizesse de ti um abio, mas nunca julguei que de ti elle fizesse obediente servidor da curia... esperava encontrar-te livre pensador e encontro-te fanatico adepto do jesuitismo.

CARLOS

Não falleis mal, meu pai, desse santo varão: as doutrinas as mais puras, elle me ensinou... elle me disse que os livres pensadores almejam o cahos social... que elles querem derribar a verdadeira religião e levantar uma seita mysteriosa e perigosa !

LUIZ

E podeis acreditar que o teu pai tambem te queira enganar?.. podeis acreditar que eu almeje o cahos ?

CARLOS

Não, meu pai, longe de mim tal pensamento.

LUCIO

Então vinde comigo enquanto é tempo... quebra a cadeia com que te querem cingir... vê quantos prazeres tens a gosar junto de mim e de tua irmã... as doces affeições da familia... a felicidade do lar paterno !.. abandona estas aves de rapina que, de ti querem fazer um docil instrumento de seus crimes... Quem sabe não te reservão um papel n'alguma scena de sangue !.. Abandonai-os, meu filho...

CARLOS

Não posso, meu pai.

LUCIO

Abandona este tecto que cobre a mentira baixa e torpe... vem-te unir aos verdadeiros servidores da religião que teve por fundador o grande philosopho, o morto do Calvario !

CARLOS

Meu pai...

LUCIO

Vinde... vinde ver o brillantismo do mundo... não te queiras conservar estacionario, quando em tudo o que nos cerca reconhecemos um poder irresistivel que nos manda avançar, progredir, descortinar os mysterios... romper o véo de trevas e vêr desdobrar-se a aurora do porvir... novos horisontes... a magestade e o poder da idéa!.. vem vêr a luz... a vida... a felicidade!

CARLOS

Não, meu pai, eu temo a chamma eterna!

LUCIO

A chamma eterna!.. E podeis admittir que haja chamma eterna, quando Christo expiou na cruz os peccados da humanidade?!.. Meu filho, tudo é grande e sublime, pois que tudo é obra desse ente perfeito a que chamamos Deos... elle não pôde permittir que exista a negação de sua omnipotencia... lá fóra, como aqui, também te consagrarás à adoração, á glorificação do Eterno!

CARLOS

Sim, sim... eu vos seguirei, meu querido pai... eu quero viver para vós também... A vossa palavra tem um não sei que tão suave, traz um cunho tão pronunciado de convicção,... que o coração me diz sois vós quem falla a verdade.

LUCIO

Vinde, meu filho, fugi enquanto é tempo do laço em que te querem fazer cahir...

CARLOS

(Ap.) Meu Deos, elle não pôde querer-me enganar... a sua afflicção é santa... é o coração de pai que se faz ouvir.

LUCIO

Então, meu filho, não queres desprender-te desses homens que causão a tua desgraça?

CARLOS

Meu pai, eu irei comvosco, eu nada mais quero aqui deste convento... já nada aqui me detém...

SCENA IX

OS MESMOS E FR. CONST.

FR. CONST. — E os teus juramentos, meu filho ?

CARLOS (*horr.*)

Sim... tendes razão... e os meus juramentos?... e a salvação de minha alma? Oh! não!.. não vos posso seguir, meu pai!

LUCIO

E és tu, Constancio de Sá, que conheces as minhas idéas, que te dizias meu amigo?... és tu que me roubas Carlos?... E's tu, miseravel jesuita, quem me dás um golpe mortal?

FR. CONST.

Bem sei que, grande deve ser a vossa dôr, mas eu cumprio um dever de consciencia recordando os juramentos de vosso filho.

CARLOS

Sim, meu pai, elle me livra do perjuro.

LUCIO

Perjuro praticou elle fanatisando-te ao ponto em que te achas... Perjuro foi elle, que jurou fazer de ti um fiel servidor da patria, e no entanto que te fez seu inimigo declarado.

CARLOS

Não, meu pai, elle me ensinou amar a patria como uma familia commum.

LUCIO

Filho, eu te ordeno que me sigas.

FR. CONST. (*hyp*)

Filho, com toda a humildade — lembro os teus pensamentos...

LUCIO

Pela ultima vez : segue-me, ou deixarás de ser meu filho !..

CARLOS

Não posso, meu pai, eu pertenco á religião... jurei filiar-me á ordem... quero ser um humilde frade... eu reanuncio os prazeres do mundo !..

LUCIO

Quererás desobedecer á teu pai ?..

FR. CONST.

(*Ap*) Fiz bem — quando levei-o a jurar:

CARLOS

Perdão. meu pai !

LUCIO

Fica... eu te amaldiço, filho ingrato que me matas ! (*Sae rapidamente*).

SCENA FINAL

CARLOS E FR. CONST.

CARLOS (*cahindo de joelhos*)

Ah !...

FR. CONST. (*pondo a mão esquerda sobre a cabeça de Carlos, e com a direita apontando ao céu*)

Eu te abenço... (*muda de tom*) em nome de Deos !

CAHE O PANNIO.

QUE DESTINO !

III

(CONTINUAÇÃO.)

Julio partio na madrugada do dia seguinte.

Seus pais para não testemunharem uma scena commovente entre os desventurados amantes, evitarão o extremo adeus de despedida!

Foi por esta occasião, que pela primeira vez vimos a formosa prima do apaixonado moço, a qual, contemplava da janella de seu quarto, com os olhos empanados de lagrimas, o saudoso sitio onde a sós fizeram suas derradeiras confidenciass.

Tinhão decorrido dous annos, quando Julio voltou ao lar de sua infancia, contaminado por uma enfermidade cruel que se desenvolvera rapida.

Sendo de uma compleição quasi femenil, não pôde resistir as longas insomnias de acurado estudo. Quando sentio que as forças lhe rareavam, e apiedado de si se contemplou n'aquella obra de destruição, era tarde. Começava a fazer-se noute no formoso amanhecer do desgraçado moço.

Caminhava cheio de confiança e de amor para o largo futuro que concebera em dias de felicidade, quando se sentio tolhido pela fatalidade á beira de um sepulchro.

Linda, ao contemplar no quasi cadaver de seu primo, o alegre companheiro da infancia, o noivo de sua alma, soltou um grito angustiado que lhe veio do coração rompendo as fibras, e desmaiou nos braços de sua mãe.

A pobre menina tivera um presentimento horrivel, — o presentimento da morte!

Julio immovel como a imagem sombria da desgraça, contemplava com os olhos turvos pelas ultimas lagrimas, o corpo inanimado da sua desventurada amante.

Dias depois teve o desgraçado moço saudades das suas queridas avovores a cuja sombra passara muitas e felizes tardes em amorosos devaneios.

Quiz visitar os predilectos sitios do jardim, onde lhe andavão presas de envolto com a poesia da saudade, muitas reminiscencias do passado.

Era uma amenis-sima manhã de Maio. A atmosphera estava limpa e suave, o céu de uma transparencia divina.

Julio respirava soffrego o ar embalsamado dos campos que lhe enchia de vida os pulmões contaminados por uma consumpção de morte. O coração palpitava-lhe com mais força no cavernoso peito e uma nova existencia pululava em si. O amante de Linda sentia-se renascer á vista daquelles objectos que lhe trazião á memoria muitas recordações dos seus tempos felizes de menino.

Julio encaminhara-se sem consciencia ao lugar onde ha dois annos conversara pela derradeira vez com sua prima. O fremito da brisa que sacudia as franças amarellecidas do arvoredado, segredava-lhe ainda o estalar de um beijo que lhe purpurisava as faces desmaiadas.

IV

— Quem sabe? murmurava elle em intima e dolorosa concentraçãõ, talvez no seio desta natureza pura, cercado pelos carinhos e desvelos de minha mãi, solícita e extremosa amante que traz mesmo no inverno da existencia a juventude do amor no coração, eu possa sentir de novo a vida e descortinar as sombras do futuro.

Esperdiçado tempo foi esse em que cavei bem funda a campã que contemplo agora.

Vaidade pueril, chimerica illusão que me allucinou um dia, deixando-me extenuado em meio do caminho e sem forças para a jornada. Queimava-me a sede do saber, a estúpida vaidade de erguer-me acima do commum e nas acuradas lutas do pensamento, devorei os melhores e mais formosos dias da existencia.

Hoje que fazer da vida? Olho para esses rasgados horisontes que eu sonhei creança e vejo-os encastellados de bulcões medonhos, que me annuncião o proximo anoitecer da vida. E no entanto, eu a deseñhara bella nas doudas concepções do meu amor!

Pobre Linda! Que doloroso transe para ti, quando sentires tambem o tombar das tuas illusões, na fria realidade da minha morte. E não tenho alma para a blasphemia, e não duvido da tua misericordia, ó Deus impietoso!

Julio foi despertado por um ligeiro ruido, semelhante ao farfalhar da brisa por entre as folhas seccas do arvoredado. Voltou-se ao tempo que sua prima pousava-lhe sobre o hombro a mão mais alva que a petala de um jasmim, dizendo-lhe:

— Que mal me faz essa tristeza Julio ? Não eras assim quando d'aqui partiste ! Onde deixaste as tuas alegrias ?

— Deixei-as aqui... neste mesmo silio. Lembras-te ?

— E vieste agora vêr se as encontravas ?

— Não, porque morrerão de todo para mim. Vim apenas recapitular em minha memoria os factos do passado, e gosar inda um momento dessa ventura extincta.

Quem te avisou de que eu estava aqui ?

— Disse-m'o o coração.

Descei ao jardim sem te procurar primeiro em parte alguma.

Não cres em presentimentos, Julio ?

— Creio.

— Pois olha, eu tenho um tão triste ! Na tua ausencia procurava combatel-o recordando as alegrias do passado e scismando nas alegrias do futuro; porém elle é superior ás minhas forças.

— Que diz o teu presentimento, Linda ?

— Que hei de ser muito desgraçada; e esta idéa augmenta como o soffrimento que me occultas, com essa impenetravel tristeza em que te vejo. Que desventurada eu sou ! Já não te mereço a confiança de outr'ora, nem já posso vencer este martyrio.

Sabes o que hontem á noite pedi a Deus com todas as forças de minha alma ?

— Que pediste tu, infeliz ?

— Infeliz?... e sou ! Pedi-lhe que me tirasse breve deste mundo. Para que me serve este viver assim ? — disse a pobre menina com os olhos inundados de lagrimas.

— E não tens saudades de me deixar, ingrata ?

Linda ferida por uma dôr que não tem nome apertava ao seio a fronte pallida do mancebo cobriudo-a de delirantes beijos.

— Perdôa-me, — soluçava a desventurada creança.

— Vê que loucura a tua, querida; enquanto pedes tu a morte a Deos, peço-lhe eu a vida que me foge; e peço-a só por ti, filha, para que não me vejas partir com o coração varado por uma agonia immensa. Pois esse presentimento que te anda a esphacellar, não te disse ainda a causa da minha occulta dôr ?

— Eu já o tinha suspeitado, desde o momento em que aqui chegastes, porém quiz-te poupar a este martyrio.

— E's uma santa ! disse o mancebo beijando-a com carinho. Não te deve assustar a minha morte, Linda. Bem vês que tivemos na terra um só destino, havemos de o ter no céo. Este amor é que nos ha de unir no seio de Deos, como se fôssemos duas particulas de um mesmo ser que da terra voarão no mesmo raio de luz em busca de melhor mundo.

A ventura que aqui sonhamos foi uma chiméra, uma loucura como

todas as illusões da mocidade. Porém que importa?... A morte será apenas um lapso momentaneo entre os mentirosos gozos deste mundo e a verdadeira felicidade que nos espera além. Péde, meu amor, péde a Deos para que os gelos da minha morte lenta possão te varar o seio. Bem vês que a vida agora é impossivel, péde-lhe pois a morte que eu espero.

A commoção foi violenta. Julio ao dizer as ultimas palavras deixou pender a fronte desfallecida no palpitante seio da pallida creança.

CONCLUSÃO.

Uma tarde, quando o sol desmaiava nas fimbras do occidente e as musicas melancolicas do crepusculo descião á terra como as vagas harmonias dos espaços em noutes de luar, os echos magoados ao transpór as cristas azuladas das cordilheiras distantes repetião os dobres funebres do sino da solitaria ermida.

Os camponezes que descião o valle em direção ao lar, onde os esperava as dulcissimas alegrias da familia que o indemenisava das agruras do trabalho, descobrião-se tolhidos de religioso respeito e murmuravão com profunda magoa :

— « Deus seja com vosco no reino da verdade.

A infeliz amante do desventurado Julio, ainda vive, como sombra do passado ondulando nas nevoas do prezente; porém será vida essa existencia que se nutre em lagrimas ?

Rio Grande, 4 de Agosto de 1876.

SILVINO VIDAL.

O SEXTO PECCADO MORTAL

DRAMA EM 5 ACTOS

POR

J. A. TORRES

O. D. C.

AO POVO PORTO-ALEGRENSE

PELO AUTOR

ACTO IV.

o DEDO DE DEUS.

Casa pobríssima, cujas paredes em certos lugares sem reboque, deixão ver os tijolos. Ao fundo, no exterior, a vista mostrará bosque ou campo. Portas na E. Janellas na D. A. e D. B. Mesa, bancos e cadeiras de pân.

SCENA I

LAURO.

LAU. (*assentado, com a fronte apoiada em uma mão, pallido e um tanto desfigurado*) — Dois mezes! Ha dois mezes que supporto cruéis dores physicas, sem com tudo afugentar, aniquilar o martyrio moral, não obstante todos os meus esforços. E' um soffrimento interminavel, meu Deus! Em vão, para distrahir-me, busco as solidões do campo. Nem o despertar do sol, nem o poetico rocio da manhã, nem a melodiosa cantilena das aves, nem a viração balsamica das verdejantes campinas, conseguem por um dia sequer afastar de mim os pensamentos que torturão-me. É entretanto mais rigoroso se torna o meu destino. A miseria faz progressos e meu tio soffre quasi tanto como eu. Infeliz e resignado tio! Quanto lhe devo? Mez e meio aquelle incansavel e desvelado homem representou um verdadeiro papel de pai extremo, junto ao meu leito de dores. Padezia por mim sem jamais desanimar. Fazia o sacrificio de não trabalhar, sómente por mim. Nunca o terror de uma miseria deploravel pôde enfraquecel-o. Oh! quanto te devo, meu presado tio, meu venerando pai! (*Levanta-se e vai machinalmente parar ao pé da janella. na D. A.*) Que esplendida manhã! Os raios do sol na faxa avermelhada do horisonte já doirão a coma das arvores. A planicie fulge como se fôra um vasto estendal de platina. Multidão de passaros negreção o solitario cajueiro e o frondente angico. E' deliciosa a contemplação d'esta magnifica organização da natureza. Não posso mais resistir a taes encantos. Vou gosál-os de mais perto. (*Sahe*).

SCENA II

JOÃOSINHO.

Joãos. (*sahindo da E. B. em geito como de quem se levanta*) — Pois sim, senhor, é a verdade; o diacho do sonho bastante me apo-

quentou. (*Espreguiça-se e boceja*) Ah! aaaah! Vi claramente o Sr. Salanaz com tres chifres na cabeça, atirar-se sobre mim, criança innocente que brincava n'um cavallinho de páu na beira do arroio, agarrar-me com unhas de palmo, levar-me ás nuvens e de lá arrumar-me de cabeça para baixo cá na terra. Dei um berro tremebundo, mas não cahi do céu, não, senhor; cahi da cama e bati com o focinho nas taboas do soalho. Apalpei-me todo e estava molhado... de suores frios. (*Espreguiça-se e boceja*) Aaaaah! Decididamente não quero mais sonhar. Mesmo isto de sonhar é para quem não tem que fazer, e não para um pobre homem como eu, que desde manhã até á noite esforça-se em alisar uma taboa. (*Pausa*) Mas hoje é sabbado e dia santo, logo é dia tambem de ir ver a pequena. E' muito natural que a Rosinha já esteja morrendo de saudades, pois ha sete dias menos um que não nos vemos. Então ella que tem por mim um... uma qualquer cousa de amor. Mas que diabo! Já é tarde as devéras e eu a dormir e sonhar... (*Senta-se; pausa*) O mestre disse-me hontem que hoje pela manhã eu tinha de ir á obra buscar o que elle me mandasse... Elle já sahiu talvez. (*Reflecte*) Eu não vou, mas é o mesmo. O mais que posso levar é um *caruo*, porque as orelhas já são respeitadas. E ahi estou a tagarellar na forma do costume. Vivo a fallar sozinho de uns tempos para cá. O outro dia a Rosinha vai atraz do gallinheiro e encontra-me gesticulando, declamando, porque eu estava rezando e pedindo a Deus o seu amor. A *azeiteira* deu uma risada e chamou-me de (*envergonhado*) idlota. Eu fiquei com uma cara... (*De subito*) Mas vou cuidar da barriga que é melhor! (*Vai a sair e encontra-se com Lauro*).

SCENA III

LAURO E JOÃOSINHO

Joãos. — Muitos bons dias, Sr. Lauro. Já tão cedo em pé?

LAU. — Prova isso que não sou dormilão como tu.

Joãos. — Eu protesto.

LAU. — Os teus protestos valem tanto como a tua preguiçosa pessoa.

Joãos. — Pois olhe; se eu não me levantei mais cedo, não foi por culpa minha; porque ha muito tempo estava acordado.

LAU. — Isso sei eu. Mas vai-me buscar os tamancos de meu tio para calçar-os por fóra das botinas, por causa do orvalho.

Joãos. — Estão na porta da cosinha: quando o senhor passar lá, calce-os. Então, Sr. Lauro, que tal acha o dia?

LAU. — Lucifero.

Joãos. — Lucifero! (*A' parte*) Que diabo de palavra é esta? Este Sr. Lauro tambem diz cada termo! Fiquei em jejum. (*Alto*) E'

exacto : está lucifero. Mas emfim, Sr. Lauro, tudo agora corre melhor. O Sr. já está fortalecido, completamente curado ; não está ?

LAU. — Estou.

Joãos. — Pobre Sr. Lauro ! Cada vez que me lembro d'aquillo que lhe aconteceu, tenho ganas de esganar o demonio. Aquelle excomungado metter-se encapotado no *Café* e depois ferir quasi de morte o senhor. Eu muito scismei n'aquella noite. E foi bom eu andar, como o Sr. Lucio, na vadição ; porque felizmente lhe acudimos e lhe trouxemos para casa...

LAU. (*atormetado, interrompe-o*) — Não me falles mais n'isso. Vai tratar das tuas obrigações, porquanto meu tio e o doutor não devem tardar.

Joãos. — O doutor ! Aposto que elle não vem com o mestre.

LAU. — Qual a razão ?

Joãos. — Esta. Ouvi o Sr. doutor dizer hontem ao mestre que pela manhã de hoje iria sem falta á casa do velho Thomaz tratar da mulher e que pôr conseguinte não o esperasse cedo, como de costume, na casa do Zebedeu.

LAU. — Seja lá o que fôr, previno-te que não faltes com o café para o tio.

Joãos. — Descance. Do café nunca me esqueço (*á parte*) uma vez que dou a vida por elle.

LAU. — Até breve. Vou dar um passeio pela campina até o bosque. (*Sahe*).

Joãos. — Vá, vá, Sr. Lauro. Os passeios lhe fazem bem.

SCENA IV

JOÃOSINHO

Joãos. — E' verdade. Lembrei-me n'este instante de ensaiar uma maneira de fazer declaração a Rosinha, para não succeder como a vez passada, que, apanhando-a detraz do gallinheiro, cahi de joelhos e exclamei com frenesi : — « Rosinha da minha vida, flor cheirosa que brotaste junto ao canteiro das cebollas, anjo do gallinheiro, eu amo-te com um fatacaz como aquelle que meu mestre tem pela sua enxó. Veção que de asneiras ! Flor ao pé de cebollas cheira como persevejo. Anjo do gallinheiro é franga branca. Fatacaz é um pedaço de queijo como me explicou o Sr. Lauro. E alem d'isso lá foi a enxó do mestre para a dança. (*Lembrando-se*) Mas ai ! ai ! ai ! e a agua quente para o café ? (*Vai a sakir, encontra-se com Serapião*).

SCENA V

JOÃOSINHO E SERAPIÃO

SER. — Refinado tratante ! Então assim é que executas as minhas ordens ? Bem podia esperal-o lá na obra o tempo que quizesse, porque V. S.^a não se movia de casa.

JOÃOS. (*a parte*) — Grita, mas trata-me por senhoria. Começo a me tornar respeitado.

SER. — Não te abalas, reverendo birbante ?

JOÃOS. — Prompto.

SER. — O café ?

JOÃOS. — Pois foi por causa do café, que o fogo, da agua...

SER. — O que ? ! Que diabo de historia é essa de fogo da agua ? Estás doido ?

JOÃOS. (*serio*) — Não, senhor. Eu dizia que a agua, mais o *diacho* do fogo...

SER. — Explica-te, irracional.

JOÃOS. (*á parte, rapido*) — Irracional é elle. (*Alto*) Tenho trabalhado inutilmente para accender o fogo, isto é, quero dizer, elle já está acceso...

SER. (*querendo sahir*) — Ora vamos ver o que tem esse fogo.

JOÃOS. (*impedindo-o*) — Oh ! não é preciso. (*Sahindo*) Eu trago já o café.

SCENA VI

SERAPIÃO

SER. — Biltre ! (*Gritando para dentro*) Dentro de dez minutos se não me trouxeres, eu arranco-te as duas orelhas. (*Pausa em que desce, senta-se e põe sobre a mesa uma bolsa de couro e uma chave*) Venho do meu habitual passeio matutino e trago commigo as economias de dous mezes para hoje satisfazer todos os debitos. Fico sem um vintem ; mas que importa, se á mingua d'isso, principio a ver o socego e a felicidade em casa ? Que importa o sacrificio de um velho que está proximo ao ultimo quartel da vida, se elle está contente pelo que fez e pelo que gosa ? Além d'isso não estou robusto para trabalhar ainda ? Mas que digo ! (*Levanta-se*) O meu Lauro é porventura feliz ? E' possível elle gosar ventura quando lhe falta a mulher que adora ? Póde elle acaso pensar no seu anjo sem entristecer e angustiar-se ? Não, mas a mim compete arrasar o ultimo obstaculo, e hei de fazel-o. Será preciso um encontro com a nobreza, será preciso audacia : pois tel-a-hei. Tive estudos, sei fallar com qualquer, não me humilho diante de nenhuma ameaça ; portanto avante, avante sem hesitar. E se forem bur :

ladas as minhas intenções? Se me escarnecerem? (*Pequena pausa? com firmeza*) Repellirei; arrostarei o barão de Albuquerque: crescerei sempre, sempre e sempre! E depois, se nada obtiver, adeus mundo de misérias, desfecharei um tiro de pistola n'esta cabeça sem prestímo!

SCENA VII

O MESMO E DR. PAULO

PAU. — Bom dia, amigo Serapião.

SER. — Como passou a noite, Sr. doutor? (*Aperta a mão que Paulo estende*),

PAU. — Bem; e o amigo?

SER. — Como de costume.

PAU. — E o nosso convalescente?

SER. — Sempre para melhor, graças ao Creador e a V. S.^a

PAU. — Sou forçado a contestar-lhe. Para Deus, tudo; para mim, nada. Os esforços da medicina que envidei, serão impotentes se Deus lhes negasse o auxilio. Fiz o que pude, é verdade, direi em meu abono, mas a salvação do meu infeliz amigo dependeu d'aquella força soberana que nos rege e que rege o mundo.

SER. — Sou da sua opinião, mas V. S.^a concorreu fortemente para afugentar a morte, que teve seus desejos de ceifar meu pobre sobrinho. O que o Sr. doutor praticou, eu nunca esquecerei. V. S.^a conhecia-me de vista e desconhecia inteiramente Lauro; no entanto prestou-se com abnegação á tudo e nunca desanimou, até mesmo nos peiores casos da enfermidade.

PAU. — Cumpri um dever de medico, Sr. Serapião, e um dever, o meu amigo sabe, que não tem jus a elogios. Quanto a conhecê-lo pouco e desconhecer de um todo seu sobrinho, não é razão para o medico esquivar-se, excepto se pertence á classe d'aquelles para os quaes a humanidade é indifferente. Demais houve poder de sympathia, o que era sufficiente para demover-me a tudo.

SER. — Agradeço-lhe pela parte que me toca o ter de algum modo incorrido na boa graça de V. S.^a E' mais uma alegria que se espalha em meu peito. Mas que cabeça esta minha! Faça-me o obsequio de sentar-se, doutor. (*Sentão-se*) V. S.^a passa o resto da manhã comosco?

PAU. — Não, infelizmente. Como sabia, fui hoje ao amanhecer á casa do velho Thomaz, meia legua distante da sua. Achei a mulher, por assim dizer, em estado de morte. Receitei e exigi que sem demora fossem buscar o remedio e o dessem á doente. Prometti estar presente em qualquer momento de necessidade; mas, aproveitando o tempo em que um proprio ia á freguezia comprar o que estava na receita, montei a cavallo e vim até aqui, com o fim principal de saber qual o

progresso de melhoras do meu amigo Lauro. Eis ahí mais ou menos o motivo que me afasta de tão excellente companhia.

SER. — Isso agora, doutor...

PAU. — E' a realidade, juro-lhe.

SER. — A nossa companhia é fastidiosa, apesar do doutor dizer o contrario.

PAU. — Não discutamos tal ponto, peço-lhe.

SER. — Calo-me, pois, sem contudo deixar de lhe agradecer ainda. Voltando entretanto á razão exposta por V. S.^a, declaro-me em favor da sua determinação; porque não sou egoista. Desejo que V. S.^a faça tanto por outrem como fez por meu sobrinho. Mas enquanto Lauro desfructa a manhã, passeiando e recreiando-se, vamos ajustar nossas contas.

PAU. — Que contas?

SER. — O que lhe devo, nada mais natural.

PAU. (como recordando-se de alguma cousa) — Ah!

SER. — V. S.^a veja quanto é. Quero pagar-lhe e pedir desculpa de tão longa demora.

PAU. (á parte) — Bom é honrado homem. Sofrer mil privações para ser prompto no seu pagamento. (Alto) Deixe-me primeiramente passar um recibo...

SER. — Doutor! Eu não peço recibo. O seu recibo é a sua honradez.

PAU. — Perdô-me, mas proceder assim é um habito meu que dá modo nenhum quebranto, posto me-mo que seja para com um homem que colloco no auge da estimativa. (Escreve dá o papel a Serapião e dirige-se para a janella modestamente).

SER. (lendo) — « A recompensa que exijo do Sr. Serapião Hermes da Silva em paga do meu insignificante prestimo ao Sr. seu sobrinho, durante a sua enfermidade, é uma amizade sincera. » (Fallando) Que significa isto? (Lendo) « N'este ponto serei um credor pertinaz e de nenhuma sorte perdoarei a divida. Rio de Janeiro, etc. Dr. Paulo de Almeida e Souza. » (Para Paulo) Explique-me o que li, doutor.

PAU. — Não comprehende?

SER. — Nada.

PAU. — Pois está clarissimo. Não quero outra recompensa senão essa. Não sou rico como Eumenes, mas tambem estou longe actualmente da pobreza, á qual sem embargo voto sympathia. Não curo por dinheiro aos pobres, porque elles carecem mais d'elle do que eu. Quanto porém aos ricos, o caso muda de figura. Vê, pois, pelas minhas palavras que nada aceito a esse respeito e sim tratando-se de outro. Quero uma amizade sincera, porque o Sr. é um homem que merece deferencia.

SER. (admirado) — Mas, doutor, eu não posso...

PAU. (*sentido*) — Se o Sr. Serapião regeita a minha amizade, recebo a importância do meu trabalho e despeço-me para sempre de sua casa.

SER. (*alegre*) — Deixe-me apertar a mão do homem modelo da bondade e das almas perfeitas e grandes. (*Apertando com effusão a mão de Paulo*) V. S.^o é a providencia benigna da humanidade afflicta.

PAU. — E' exagero, Sr. Serapião. Mas faz-se tarde e eu preciso não me descuidar da enferma.

SER. — E Lauro sem apparecer.

PAU. — Voltarei logo. Deixe-o inebriar-se com os encantos d'esta festival manhã. A magestade da collina, o murmur dos regatos, as boninas do prado, tudo isso seduz o nosso convalescente. Deixe-o, pois, fuir as suavidades da natureza.

SER. — Como quizer.

PAU. (*apertando já a mão para sahir*) — Tive agora uma repentina lembrança. Diga-me: Que noticias tem tido do perverso Mario?

SER. — Nenhumas, a não ser as que sabemos, isto é, que está ainda na companhia do barão e que provavelmente ignora o salvamento de Lauro e por conseguinte que o temos por criminoso. Depois o doutor sabe que estamos tres leguas retirados da cidade...

PAU. (*depois de pausa*) — Hei de fazer algumas indagações. (*Apertando de novo a mão*) Até mais tarde. (*Sahe*).

SCENA VIII

SERAPIÃO DEPOIS JOÃO SINHO

SER. (*depois de pausa*) — E a vista da scena que se passou, devo desistir dos meus intentos? E' crível que o infortunio continue a perseguir-me? (*Descendo*) Não. O procedimento d'este medico creou uma boa prophecia no meu pensamento. Vou sem temor á casa do barão de Albuquerque, e de lá, ou galgarei ao cimo da ventura ou me precipitarei no abysmo da desgraça!

JOÃOS. (*entrando com uma chicara de café*) — Aqui está o café, mestre.

SER. — Perdi a vontade; bebe-o tu.

JOÃOS. (*á parte*) — E' para o que me ensinarão a não ter vergonha. (*Alto, bebendo o café diante de Serapião*) Então, mestre?

SER. — Agarra essa chave que está na mesa e vai depressa á officina. Abre a porta, entra no quartinho da esquerda e traze de lá um caixãozinho de folha e a minha enxó. Tens ouvido?

JOÃOS. — Tenho sim, senhor. (*Á parte*) Sempre a tal enxó!

SER. — Avia-te. Não te esqueças sobre tudo da enxó. (*Fica pensativo*).

JOÃOS. (*á parte*) — Ah! enxó, enxó de uma figa! Quando me lembro que por pensar n'ella fiz uma comparação igual ao meu nariz e representei um papel ridiculo diante da *azeiteira*, sinto vontade de esbugalhar a cabeça n'uma parede.

SER. — Detesto re:mungações. Salta já d'aqui a fazer o que te mando. (*Joãosinho sahe*).

SCENA IX

SERAPIÃO DEPOIS LAURO

SER. — Devo esperar agora por Lauro para communicar-lhe a minha sahida, evitando assim que elle nada suspeite sobre o meu projecto. Se elle por qualquer acaso soubesse, estava tudo perdido; porquanto de modo nenhum o seu orgulho a isto se affaria. E todavia não ha humilhação alguma para nós. Quero a mão de Helena para Lauro, porque Lauro é digno d'ella.

LAU. (*apparecendo*) — Meu tio. (*Desce e vem beijar a mão do tio*).

SER. — Passaste sem duvida uma excellente noite, uma vez que já não cedo te entregaste aos passeios salulares da manhã.

LAU. — E' exacto, meu tio Tendo me corrido a noite agradavelmente, e depois notando o esplendor do dia que assomava radiante, resolvi fazer um passeio pela campina um pouco mais cedo e mais exten o que os do habito.

SER. — Fizeste bem. O Dr. Paulo esteve cá ha pouco. Esperou-te, mas como não apparecesses e elle necessitava empregar esse tempo, retirou-se, promettendo voltar talvez a tarde, para te ver e fallar.

LAU. — Se eu adivinhasse...

SER. — Paciencia, rapaz. Eu, por meu turno, esperava-te tambem, para dizer-te que vou á cidade, sendo muito provavel demorar-me até ao cahir da noite. Embora tenha de grammar tres leguas para lá e tres para cá, sou forçado a não precindir de tal caminhada, por causas superiores e instanciosas. Portanto, meu Lauro, aqui te deixo solitario, recommendando-te porém muito cuidado com o rapazinho en-diabrado que deixo contigo.

LAU. — Póde ir descansado.

SER. — Adeus: até a volta. (*Sahe*).

SCENA X

LAURO

LAU. (*descendo*) — Infatigavel ancião! Os revézes da sorte amei-
cando-o continuamente e elle sempre vehemente, sempre tenaz, a con-
tel-oz, a procurar vencel-oz. Nem sequer elle medita nas funestas

consequencias. Mas é inutil todo esse esforço, meu bom tio. O pobre orphão jamais se envolverá nas roupagens d'essa ventura, que na sua puberdade e adolescencia, em tão bellos sonhos, o embalou no berço das crenças. O pobre orphão só encontrará na algente campã aquillo que tu vãmente queres achar na terra. O pobre orphão só na mansão dos justos irá contemplar o refulgir de sua innocencia tão victimada pelas cruzas do mundo. Não te afadigues, campeão dos campos inditosos, porque tu serás o superado. A estrella que te tem guiado, brevemente sumir-se-ha como o meteoro e te deixará sem rumo, só, na rotina de tua peregrinação. (*Senta-se meditativo*).

SCENA XI

LAURO E DR. PAULO.

PAU. (*entra*) — Esqucci-me de uma cousa, amigo Serapião. (*Vendo Lauro*) Ah! Boa mauhá tenha gozado o Sr. Lauro. (*Aperta-lhe a mão*).

LAU. — Felizmente não engana-se, doutor. Voltou porém tão depressa?

PAU. — Nem tive tempo de sahir, meu caro amigo. Estava com o pé no estribo, quando recordei-me que tinha ainda precisão de fallar a seu tio. O Sr. Lauro não faz idéa como ando com estas idéas em confusão. Para onde entretanto foi o Sr. Serapião?

LAU. — Ignoro ao certo. O que sei unicamente é que o doutor deu de balde uma caminhada. Meu tio partio para a cidade.

PAU. — E' singular essa resolução repentina. Ha pouco estivemos juntos e elle não me fallou n'isso.

LAU. — Por esquecimento indubitavelmente.

PAU. — Seria, admitto.

LAU. — O Sr. veio visitar-me e eu achava-me ausente, o que de véras senti. Em compensação porém estou agora presente e ás ordens do desvelado amigo que esgotou mil esforços com a sua superior sciencia e mil atenções com sua heroica resignação.

PAU. — O meu amigo olvida talvez que foi isso uma obrigação d'aquelle que se vangloria em seguir a senda luminosa de um Herodico de Sicilia, mestre de uma celebridade medica como Hippocrates, o nobre filho da ilha de Cós. No espelho em que reflectirão-se outr'ora esses portentos da sciencia, eu procuro de longe mirar-me. E senão brilho no reinado de minha patria, como no reinado de Marco Aurelio refulgio Galeno, pelo menos busco fazer todo o possível para não atirar-me no váo da indifferença.

LAU. — E' modestia excessiva do doutor.

PAU. — Equivoque-se sobremaneira. Conheço-me bastante o sei qual o meu valor. Mas pondo de parte esta conversa que em nada interessa-me, responda-me como se respondesse a um amigo fiel e capaz de guardar todo e qualquer segredo. O meu amigo realmente sente lenitivos no coração? Julga-se com esperança de curar a paixão que sentiu?

LAU. — Vou expor-lhe o intimo de meu coração com toda a franqueza. Minh'alma, doutor, padece como sempre. O amor delirante e puro que alimentei pela filha do barão só morrerá commigo. Persuado meu tio do contrario para não obrigar-o a atormentar-se. Eis tudo, meu bom amigo.

PAU. — Avalio a magoa cruciante que maltrata seu infeliz coração.

LAU. — Não importa, doutor. Nasci e vivo para supportar dorido os rigores do destino. Meu nome é um labéo para a sociedade, meu amor um ludibrio para o pai austero; pois bem: breve tudo terminará. Helena desposará o meu inhumano algoz e eu, não obstante ser retido pela vida, desposarei a tumba, unico meio de esvaecer-se a mancha negra do malfadado, porque ninguem se lembrará mais d'elle.

Voz (*fôra*) — Socorro!... Valhão-me!... Salvem-me por Deus!... (*Abafada, mais perto*) Ah! malvado!...

LAU. — Esta voz!

SCENA XII

OS MESMOS E MARIO

MAR. (*entrando ensanguentado, com cabellos em desordem, desfigurado, com a testa ferida e como deixando cahir do peito um punhal*) — Traçoeiro inglez!... Feriu-me de morte no coração! Acudão-me!... (*Encontra-se com Lauro*) LAURO!... Ah! E' o castigo da providencia!... (*Vai cahir, Paulo o ampara e colloca-o n'uma cadeira*).

PAU. — Desgraçado!... Vieste, felizmente, procurar refugio em casa de gente caridosa e boa.

MAR. (*semi-erguendo-se*) — Sim, elles erão bons, muito bons... e eu... eu fui o perverso que os perdeu, que lhes... deu... todas as infelicidades... Oh!... Lauro... eu morro... sinto a morte no peito e não quero morrer sem um balsamo... sem o teu indulto... (*Ajoelhando-se*) Perdão!

PAU. — Commove-me a sua contrição. (*Não desampara Mario*).

MAR. — Bem sei que sou indigno d'elle... dos homens... de tudo...

porque fui sementido... fui um máu... mas invoco a tua piedade, Lau-ro... Estou arrependido, castigado... eu o juro... por minhã... mã... por Deas... Commovão-te os momen...tos finaes dô moribund...do... Piedade... Compaixão!... Perdoa-me!...

LAU. (*triste e extremamente commovido*) — Infeliz victima de uma inveja mal cabida, perdô-te do fundo d'alma e rogo a Deus que te conoeda a bemaventurança eterna no céu.

PAU. (*á parte*) — Que quadro pungente! (*Com cuidado colloca de novo Mario na cadeira*) — O golpe foi mortal. A medicina é inutil.

MAR. (*cada vez mais fraco*) — Perdoado... Ah!... é um allivio supremo... sinto-me feliz... morro... contente... Lau...ro... fáz a ventu...ra... de He...lena... Supplica-lhe... um perdô... para seu... verdu...go... Ah! Esse anjo... de pureza... soffreu tam...bem... Realisava-se hoje... meu casamento... com... ella... Já não... posso... Uma carta... que... falsa... A vida... me... fô...ge... Não... deix... revél... (*Cabe ex'enuada nos braços de Paulo que novamente o acomoda na cadeira*).

LAU. — Que diz elle?

MAR. (*depois de silencio tumular, ergue a cabeça e falla quasi imperceptivel*) — Lau-ro... He...lena... adeus... (*Pende a cabeça e morre*).

PAU. (*depois de examinar Mario*) — Morto!

LAU. — Deus asyle sua alma no paraizo dos justos!

PAU. — Meu amigo, cuide por um momento n'elle. Eu vou dar parte á justiça do occorrido para haver o auto de corpo de delicto. Vollo já. (*Sahe*).

SCENA XIII

LAURO E JÃOSINHO

LAU. — Onde me abysmará a catastrophe desta vida fatal! Sou como o semum do deserto que por onde passa tudo aniquila. Tenho Cassado, na existencia, espalhanço os atomos da calamidade!

JÃOS. (*entrando*) — Uma carta para o Sr. Lau-ro. (*Vendo Mario*) Este homem!


LAU. — Era um contricto que morreu perdoado. (*Tomando a carta*). Junta-te depressa ao doutor que n'este instante sahio d'aqui e auxilia-o no que elle quizer praticar. (*Joãosinho sahe*).

SENA ULTIMA

LAURO

LAU. (*abrindo tremulo a carta e vendo a assignatura*) — E' de Lucio. Tenho um medo secreto da noticia que me vai dar. O que será, meu Deus? (*Le*) «Releva o derradeiro golpe, prezado amigo. Helena é... (*Da um grito estridulo e cahe sobre uma cadeira. Pausa. Levanta-se*) Helena morta! (*Despairado*) Ella expirou e eu... eu o que faço que não siga? (*Dá alguns passos*) Sim, adeus illusões, adeus, esperança fallaz! Mas não! Primeiro! abraçar o cadaver de Helena e depois á morte! (*Sahe como louco enquanto o panno cahe rapidamente*),

FIM DO 4.º ATO.



DADOS HISTÓRICOS SOBRE A PROVÍNCIA

Achando-se doentes varios Officiaes do 2º Corpo que estão nos Distritos da Jurisdição de V. S. e não havendo quem reúna os homens de fileiras que ali existem vagando; sendo das attribuições de V. S. o fazê-los perseguir e reunir para esta brigada, convém muito que com a maior presteza venhão vindo á coadjuvar na defeza da Patria.

Nutro a mais lisongeira esperança que V. S; preencheudo as obrigações de seu importantissimo emprego, fará em breve engrossar as filas do 2º Corpo; assim mais me congratulo também pela sabia escolha do governo na nomeação de V. S. Lanço mão da prezente oportunidade para reiterar a V. S. os votos de minha estima e amizade a quem Deos guarde por muitos annos.

Illmo. Sr. Tenente Coronel Florentino de Sousa Leite Chefe de Policia do Distrito de Cangussú.

Havendo-vos officiado em 1, 2, e 8 de Setembro, 3, 21, e 19 de Outubro, significando-vos nas ultimas a falta de resposta daquellas, cujas indicisão á respeito de algumas providencias de tanta consideração, me sendo de maneira sensivel, não devo em recorrer assim dispensaveis providencias naquelles officiaes indicados; por isso que sendo operador incumpido de pessoalmente vos entregar a prézente correspondencia, ficarei em seu regresso izempto da incerteza que conservo de não vos-terem sido ellas entregues, ápezar de me haverem significado, os Generaes Bento Gonçalves, e Netto a recepção das que igualmente lhes enviei até a dacta de 1 de Setembro. Deixo de referir quanto naquelles expendi por já o ter feito em 11 de Outubro, na espectativa de chegar a vosso conhecimento o que praticarei logo que for sciencificado da interceptão, de tão necessaria correspondencia, emquanto por agora só me cumpre aguardar vossas deliberações. O Demetrio com 150 homens appareceu na manhã de hontem na fazenda do Major Simão em Caverá, onde com antecedencia havia mandado ao Tenente

Coronel Frutuoso, com huma força para observar seus movimentos, não deixando nossas guerrilhas, á aquelle caudilho carnear sufficientemente, e seguindo para o Luiz da Serra, sem toda-via descobrir-se as demais forças do bandido Bento Manoel, que se afirma hir para o Rosário, continuando o dito Tenente Coronel nas pesquisas a seu alcance, segundo nossas instrucções. Por quatro imperialistas, que por uma partida nossa foram apreendidos no Saican vindos do Caxias, fui informado estar este em S. Gabriel, havendo disprendido um batalhão de infantaria e 10 homens de cavallaria para a Cruz Alta, sem ainda ter noticia exaecta do Tenente Coronel Portinho. Consta com certeza deixar o bandido Bento Manoel um batalhão no Alegrete, e 100 homens de cavallaria.

Deus vos guarde

Quartel general nas pontas de Ibirapuitam 31 de Outubro de 1843.

Ao cidadão Ministro da Guerra Manoel Lucas de Oliveira.

David Canabarro.

Recebi no dia 19 o Decreto de minha nomeação para o Ministerio do Exterior, e interinamente do Interior, datado de 4 e conjuntamente o vosso officio de 10, em o qual conjurando-me vos a não negar-me na crise actual da Republica aos serviços que ella espera receber de mim, direis : que não devo recuar á vista do louvavel exemplo do venerando, e inelyto Cidadão José Gomes de Vasconcellos Jardim, que assáz achozo não recua, seu patriotico, e tremulo braço, quando no maior conflicto se lhe entregou a Nau do Estado, cujo temão elle sustem com um valor firme, e louvavel e que por graus a conduz incançavel ao porto do salvamento; mas que para chegar ao destino, a que se obriga requer o meu auxilio, solicita meus conselhos, e experiencia; e que finalmente quando em mim appareça a negativa quiçá a posteridade terá de fazer-me uma justa accusação. Passarei a responder-vos circumstancialmente por isso que o não pude fazer no dia 19 por me achar com o pé no estribo afim de vir com brevidade consultar neste lugar com um habil professor de medicina, que recentemente nelle habita, acerca de novos emcommodos que me têm acomettido. etc.

Parece-me, Cidadão Ministro, que alguns sacrificios tenho feito a prol da causa que sustentamos; e ainda que hajão sido avaliados em pouco pezo na balança publica; toda via se quizerem attender os meus rendimentos, e minha vida em Porto Alegre, antes da revolução, e equiparar o meu estado de então com o que me vejo hoje reduzido, conhecer-se-há que esses sacrificios não tem sido pequenos: e ainda maiores se quizerem tambem em attenção a minha já avançada idade e mui pouca saude. Não me nego pois a sua continuação apezar destes males physicos que soffro huma vez que o Governo haja de remediar promptamente o miseravel e afflictivo estado a que me tenho achado reduzido por

me haverem faltado de todos os meios de manter-me, e a minha familia, caso objecto de que qualquer que se acha encarregado deve curar com todo o interesse para não vel-a ou terminar de fome com honra, ou espesinhar a virtudo quando circumdada da necessidade, e da miseria.

Mandai, Cidadão Ministro, folhear o grande lyro do Thesouro Nacional, e ahí vereis quão pouco tenho recebido desse mesquinho e miseravel quinto : Saldadas forão sempre as ordens dirigidas as Collectorias em meu favor (a excepção do tempo do Ministro Fontoura) ellas se tornavão sempre improficuas, e sem effeito. Aqui mesmo estou eu desde Julho sem haver recebido cousa alguma, e tendo eua 6 de Agosto apresentado ao Collectór duas ordens do ex-Ministro Barreto sendo uma para ser pago o transporte de minha familia, de Sant'Anna do Livramento para este lugar; e outra para se me dar a mensalidade de 40000 réis (o quinto do meu ordenadõ) até hoje nem aquelle tem sido dado, nem desta tenho recebido real, vendo-me aliás na dura necessidade de representar um ridiculo papel, contrahindo dividas sem haver como pagal-as.

Este mal terrivel, e a nimia defficiencia com que tenho concisamente lutado, podeis crêr que tem sido a causa de se haverem reservado os males phisicos tendo até tido occasiões de tocar a meta do desespero, em que certamente não se terá visto o eximio Jardim, que me aponta-se por exemplo, não só pela sua grandeza d'alma como porque tem outros cabedaes, e outros recursos que não tenho, A'vista pois do que acabo de expor-vos infirireis que estou prompto a prestar a nossa Patria os serviços que ella de mim exige, uma vez que se me proporcione os meios de remir e de salvar as minhas necessidades, e privações; deixarei então de tratar de minha saude; e irei em fim sacrificar no altar da Patria os poucos dias que me restarem de huma vida bastante penosa; aiuda que conheço o meu demerito, e que me faltão tambem todas as qualidades necessarias para reclamente desempenhar o pesado encargo para que me chama a Patria e em que tempo!! quando os Governantes se tornão necessarios e dom de fazer milagres e a forte necessidade de romper insuperaveis obstaculos.

Fico pois, Cidadão Ministro, com a esperanza de que serão attendidas minhas oppressivas circumstancias pois devei lembrar-vos do quanto é pesado a qualquer particular ser-lhe necessario pedir para poder subsistir, quanto mais a um Ministro de Estado infallivelmente se isso lhe for necessario, será olhado com desprezo que já não deixo de ter supportado mesmo na qualidade de Vigario Apostolico; não outra a causa se não a minha pobreza, e miseria.

Deus vos guarde

Cidadão Ministro como a Patria o torna mister.

Bagé 21 de Dezembro 1843

Cidadão Manoel Lucas de Oliveira.

Francisco das Chagas Martins Avila:

Illm.º e Exm.º Sr. General Chefe do Estado-Maior.

Diz o Rio-Grandense José Baptista de Assumpção, tomado prisioneiro nesta jornada ultima das forças republicanas, além do rio S. Gonçalo, que de supplicante, havendo illusoriamente empunhado as armas contra os principios que com tanto valor os Liberaes defendem, succedeu ser prezo na Rinchão das Porteiras no dia 16 de Abril de 1837, e obrigado a servir no 2º corpo de cavallaria de 1ª linha do exercito, ao que com goslo ascedeu e com maior serviria até hoje, se não fossem os massacres que sem nenhuma interrupção soffria, e effectivamente supportava, por haver seguido uma causa adversa aos principios da verdadeira causa; porém, Exm.º Sr., como o caracter caprichoso do filho do Rio Grande e que V. Ex.º não ignora se oppõem ao soffrimento de insultos e infundadas inectivas, o supplicante, com dor o confessa, abandonou as Phalanges republicanas, e foi pezaroso buscar um asylo entre os inimigos destas, onde se conserva sem aquella influencia primeira, e obrigado só das circumstancias.

Hoje, pois, que a sorte quiz que elle voltasse inoffenso ao gremio de seus Patricios e Amigos, é que o supplicante recorre a V. Ex.º, supplicando-lhe por quanto ha de mais caro o exonere de fazer serviço em companhia; não por paixão de defender a causa justa, mas por fugir aos massacres que já soffreu, e que o obrigarão a quebrar seu juramento, por não ter a necessaria energia para paciencioso soffrer quanto lhe accumularão já.

Em reconhecimento ao que o Supplicante de V. Ex.º exige nesta petição e conta merecer de sua justiça e rectidão; elle protesta pacificamente viver entre os livres, e ajudar no serviço do districto onde vai residir, emquanto fôr necessario.

E. R. J.

Cidadão coronel.

Secretaria da Guerra em campo—28 de Abril de 1844.

O mais trancendente assumpto pelo bem de nossa Republica, reclama vossa assistencia e a contribuição de vossas luzes com promptidão. Bagé é o ponto predestinado para vosso importante serviço: Ahi encontrareis os cidadãos Vigario Apostolico e major Ribeiro Barreto, que vos ajudarão no delicado empenho, e mesmo ahi sabereis o objecto que vos convoca, e do qual sereis scientemente informado pelo cidadão Presidente do Estado a quem nesta data me dirijo.

A Patria o exige, e vossos compatriotas; não lhes negueis vossa valiosa cooperação.

Deus vos guarde e vos proteja como é mister ao bem da Republica.

Cidadão coronel *José Mariano de Mattos.*

Cidadão ministro.

Depois que o governo decretou conservar em segurança aos officiaes presoneiros de guerra se continuou, como se não houvesse tal decreto, a po-los em liberdade sob fianças chimericas, ou por simples peditorios mas querendo eu uma regra invariavel a exijo de vos, visto que o decreto, de que acima fallo, foi somente escripto e publicado. Do general Silveira entre outros vierão dous officiaes presoneiros, mas já muito recommendados por coronel Onofre, major Israel e outros, que affiançavão para soltura desses. Nada decedi a espera de vossa decisão. Quanto a mim nenhum se deve por em liberdade, e sim em segurança para em troca d'elles obtermos a liberdade dos nossos officiaes, que estão jazendo nas cadeias do imperio. Vos remetto a relação junta dos officiaes e soldados presoneiros de guerra em segurança neste campo, e lembro a conveniencia de propor a Caxias a troca d'elles por outros, elleja abriu exemplo a respeito.

Deus vos guarde

Quartel general no campo do Vargas 8 de Setembro de 1843.

Ao cidadão ministro e secretario d'Estado dos negocios da guerra.

David Cunabarro.

Illm. e Exm. Sr.

Diz Izabel Maria da Conceição natural deste Estado Rio-grandense, e cazada com o Hespanhol José Coleiro moradora na cidade Piratini donde existia com o dito seu Marido, que vive de seu negocio havendo elle desde o glorioso 20 de Setembro de 35 em que teve começo a nossa emancipação Política, e separação do Imperio do Brazil anuido constantemente ao systema Republicano que felizmente nos rege, e até ajudado com os meios ao seu alcance com seus donativos, para fim tão justo e necessario acontece, comtudo que por ordem da Repartição competente deste Governo; lhe foi repentinamente intimado de despejar no breve espaço de 5 dias o territorio da Republica, sendo assim deportado para o Estado Vizinho donde ao presente se acha e isto Exm. Sr. sem se lhe haver instaurado Processo, na conformidade da lei por meio do qual se conhecesse, era ou não criminozo, para então ser punido conforme as leis em vigor, couza de certo nunca vista nem praticada nos governos democraticos ficando desta arte a supplicante com seus innocentes filhos reduzida a um total desamparo, e experimen-

tando os maiores prejuizos em seu negocio, por não poder seu marido verificar os pagamentos que por cauza de seu negocio tem de fazer a seus acredores e como não tenham sido bastantes todas as supplicas que o mesmo marido da supplicante tem feito até aqui, com o fim de se justificar da infame calumnia de que certamente seria increpado perante este mesmo Exm. governo, a fim de ser relevado do desterro a que sem culpa alguma foi por tão estranho modo condemnado; o que se prova dos documentos juntos, dos quaes se vê um que até releva um individuo de outro igual desterro, o que pela mesma maneira havia sido constringido a soffrer e por tudo isto que a supplicante implora de V. Ex. a graça, não já de ser seu marido plenamente absolvido, de continuar no desterro em que se acha; senão demandar a que na sobredita cidade de sua residencia seja mui escrúpulozamente e segundo ahi processado em forma legal e quando aconteça ser criminozo então a supplicante se resignará a sua infeliz sorte, mas se pelo contrario se verificar a sua innocencia então seja punido severamente o infame calumniador que ha dado motivo aos males, e soffrimentos por que tão injustamente ha passado o marido da supplicante e por consequencia esta portanto

P. a V. Ex. que tomando em sua alta consideração o expedido lhe defira como requer do que

R. I.

NENIA

A' MORTE DE D. ADELINA DE PAULA TEIXEIRA. (*)

Sobre uma campa mal cerrada ainda
Vertamos uma lagrima sincera,
Paguemós um tributo de amizade
Depondo sobre a lage esta corda
De goivos e saudades.

(DAMASCENO VIEIRA),

Era o anjo do lar e da innocencia,
— Celeste raio de fulgente estrella
Que na terra passou, na terra ingrata
Sonhando enlevos, divinaes affectos,
Que nos mundos de além sómente existem !
Na fronte pensativa de creança
Reinava-lhe essa luz mysteriosa
Dos eleitos de Deus ! Tinha em su'alma
Sacratio de virtude extranho ao crime
Que a todos onlevava em seus perfumes,
Qual o incenso que sobe aos pés do Eterno
Das aras de seu templo. Immaculado
Era o seu pensamento, o seu sorriso
Como a prece de um anjo em seus mysterios

Oh ! não lhe perturbeis o somno eterno
De celestes visões tão povoado !
Deixai, deixai que o riso de seus labios
Seja constante em mim, em Deus constante !
Que valem prantos ?... lagrimas, que importão ?...
Teve origem no céu, ao céu pertence,
Era estrangeira aqui ! Porque choral-a
Se foi gotta de luz aos infinitos

(*) Fallecida na cidade do Porto em 23 de Julho de 1876.

Alada no cortejo dos archanjos
Mandados ao Senhor busca-a a terra
Na deadema de Deus brilhar mais pura ?

Fecundada na fé que existe um Enle
Todo bondade, luz — principio eterno
Que nos exalta a cima de nós mesmo
Viveu, por esse amor que é todo espirito
« Sellado pela mão da Providencia
No coração de um anjo. »

Oh ! sim, de um anjo
Pairando pelas fauces dos abysmos
Deste perverso chaus de horror e crime
Sem o brilho manchar de suas azas !
Das terrenas paixões não soube o travo...
E a essencia do meu Deus que tinha n'alma
Não a manchou no lodo d'este mundo !
Fugia como rola assustadiça
Das mentirozas pompas desta vida
Das gallas, dos prazeres, das alegrias,
Dos bailes que seduz a mocidade
Dos luxosos salões que nos deslumbrão
Do ar abafadiço que corrompe
E as flores do coração enerva e mata!

Como talvez o anjo da saudade
Chorando uma illusão que vio desfeita,
Buscava a solidão, ermo profundo
« Vergada ao pensamento das tristezas »,
— Dorida apprehensão de uma alma santa !

Mas se a ventura lhe sorria a trêchos
Como era vel-a então serena e bella
No seio perfumoso da familia
« Scismar tristezas mas tristezas doces
Prantos verter, mas prantos de alegria » !

Oh ! celeste visão ! Nos aureos mundos
Onde tua alma foi buscar guarida
Dormes talvez ! — Oh ! pomba mensageira
Da esperanza e da fé ! No seio morno
De tua santa mãe que ha muito havia
Fugido deste val, corrupto, infame

Levando o coração atribulado
Pela saudade lacinante... amarga
Dos ternos filhos que a chorar deixava
Descanças, — pobre filha do infortunio.
Inundada na luz da eternidade !

Deus ! que enchugaste o pranto aos infelizes,
Que aos cegos dé te luz, ás mães sêds filhos,
Que foste o Lazaro arrancar da cova !...
Espírito celeste, essencia eterna !
Tu que és Omnipotente, excel o, grande,
Envia um raio de alegria ao menos,
Ou ampara na fé do sacro lenho,
Esse infeliz mancebo que fallece,
Por tantos golpes de infortunio inmenso
No pavoroso cháos da eternidade !

E tu, espirito de Deus á Deus votado,
Particula de um Ser celeste e puro
Que na terra passaste radiosa
Como gotta de luz ornando o espaço
Pelas caladas noutes do mysterio,
Recebe nessa celica morada
Onde o premio colheste da virtude,
Esta singela cr'oa de cyprestes !
Doloroso tribulo que hoje venho
Em nome de passado venturoso
Depor na fria pedra a um sepulchro
Onde teu corpo, — ó filha da saudado
Para sempre repousa !

Oh ! minha infancia
Tão descuidosa e rica de attrativos
Já não te posso recordar ditoso !

Accita pois em nome do passado
Dos brincos pueris da tenra idade,
O triste pranto que me orvalha as faces,
E as pobres flores que off'recer-te venho
N'esta grinalda humilde de saudades !
Rompendo os vinc'lus da materia inutil
Talvez minh'alma remontando espaços
Possa bem cedo conversar contigo
N'esses mundos de luz e de verdade !

Rio Grande, Agosto de 1876.

SILVINO VIDAL.